

Bem-Aventurados Os Pobres

As Bem-Aventuranças—Parte 1

Mateus 5.1–3

Introdução: O Que É Verdadeira Felicidade?

A revista *Psicologia Hoje* enviou uma pesquisa a 52 mil de seus assinantes, pedindo que compartilhassem como tinham encontrado a felicidade ou como *pensavam* que a encontrariam. Assinantes de várias regiões do país enviaram relatos de suas experiências.

Os assinantes que ocupavam uma classe social inferior afirmaram que o sonho era ganhar na loteria. Essa foi, na verdade, a fantasia mais comum. Muitos dos entrevistados igualaram felicidade a ganhar na loteria.

Esses indivíduos precisam analisar mais de perto as vidas dos que ganham na loteria. Li sobre um indivíduo que ganhou quase 8 milhões. Em menos de um ano, sua esposa o deixou e passou a receber pensão para criar o filho, algo que custaria ao homem 1 milhão; a proprietária da casa que alugava o processou, tomando 30% de seu prêmio lotérico; e seu próprio irmão e cunhada foram indiciados e presos por tentarem contratar um assassino para mata-lo e tomar seu dinheiro. Pense num homem *feliz!*

Os entrevistados que pertenciam a uma categoria de pessoas ricas reclamaram que não

tinham dinheiro *suficiente* para ser realmente felizes. A maioria deles reclamou de tédio.

Respostas vindas de várias partes do país revelaram que as pessoas, independente de onde moram, estão confusas, cansadas, entediadas, furiosas, frustradas e desorientadas. Um homem escreveu: “Listei abaixo os motivos porque *acho* que encontrei a felicidade. Por favor, confirmem se a encontrei ou não.”

Sinceramente, não importava quem essas pessoas eram, quanto dinheiro tinham ou onde moravam—todas elas queriam algo mais ou outra coisa; algo diferente do que já tinham. Isso é o que denominamos de “o mito do capim mais verde.” Ele faz com que cada pessoa sincera admita ou indague se existe outra coisa na vida que lhe trará satisfação duradoura. William Barclay escreveu: “Isso é felicidade humana; é algo que depende do acaso e das mudanças na vida; algo que a vida pode dar, mas que também pode tirar.”¹

A partir dessa perspectiva humana, felicidade depende das circunstâncias, das coisas que nos acontecem na vida. Ficamos felizes se determinadas coisas acontecem; se não acontecem, nossa felicidade some rapidamente.

Esse tipo de felicidade revolve em torno do

“eu.”

- O que acontecerá comigo, com a minha família e com a minha saúde?
- Como meu trabalho tem me beneficiado?
- O que acontecerá com a minha conta poupança?
- O que será dos meus planos e dos meus sonhos?

Para o coração humano, felicidade gira em torno do “eu.” Isso significa que nós somos o maior obstáculo a uma vida verdadeira e genuinamente feliz ou bem-aventurada.

Para a nossa alegria, em seu primeiro sermão registrado nas Escrituras, o *Sermão do Monte*, Jesus Cristo identifica o que é felicidade verdadeira e duradoura e como podemos encontrá-la.

A “Felicidade Suprema” das Bem-Aventuranças

No Sermão do Monte encontrado em Mateus 5, Jesus Cristo utiliza nove vezes em nove versos o termo grego *makarios*, traduzido como “bem-aventurado.” Ele significa “feliz, abençoado.”² E Jesus Cristo inverterá todos os valores, confundindo as pessoas com seu sermão. Rapidamente, observe as primeiras declarações que Jesus faz a respeito da felicidade:

- verso 3: “Bem-aventurados os humildes de espírito.”
- verso 4: “Bem-aventurados os que choram.”
- verso 10: “Bem-aventurados os perseguidos.”

Você pode pensar: “Isso só pode ser brincadeira! Essas pessoas vivem vidas miseráveis e difíceis... não podem ser felizes!” Por isso, lemos no final do Sermão do Monte:

Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina (Mateus 7.28).

É de se esperar que o povo reagiria dessa forma aos ensinamentos radicais de Jesus. As pessoas ficaram *maravilhadas*, isto é, ficaram fora de si. E por que as multidões ficaram maravilhadas com o ensino de Jesus?³

Mateus 7.29 explica por que:

porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

Os escribas baseavam seus ensinamentos nas tradições, nos ensinamentos de outros escribas e pregavam as palavras de rabinos famosos. Jesus Cristo, por outro lado, anuncia que ele mesmo é a autoridade. Ele afirma coisas ousadas do tipo: ***Ouvistes o que foi dito... eu porém vos digo*** (Mateus 5.18, 21–22, 27–28, 31–34, 38–39, 43–44).

Além disso, Jesus chama Deus de seu Pai, informa o povo a respeito do que Deus pensa e como se sente em relação a algumas coisas (Mateus 6.14–15; 7.10–11). Não é surpresa que a multidão fica atônita!

Mas essas coisas seriam ditas um pouco mais adiante na pregação. O que cativa a atenção da multidão agora no início do sermão é o fato de Jesus afirmar saber como podemos encontrar aquele elemento da vida difícil de encontrar e que a humanidade tem perseguido no decorrer da história: felicidade genuína e duradoura.

Buscando a Felicidade

Muitas pessoas afirmam ser especialistas nessa busca pela felicidade. O problema é que, às vezes, pensamos ter agarrado a felicidade pelos colarinhos, mas, com o passar do tempo, percebemos que era ilusão.

Enquanto estudava, descobri que existem 1,7 milhão de cachorros na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos, e quase 8 milhões de gatos, números que indicam algo a respeito da cidade. Parte do desafio que as pessoas enfrentam quando seu gato morre em Nova Iorque é que elas não podem simplesmente ir para um terreno baldio e enterrá-lo. Além disso, a maioria das pessoas não tem um quintal em sua casa e, mesmo que tivesse, a lei municipal proíbe enterrar animal de estimação no quintal de casa. O município cobra uma taxa de 50 dólares para levar o animal defunto.

Uma senhora com mentalidade de empresária saiu com uma ideia inteligente para resolver esse problema pela metade do preço. Ela colocou um anúncio no jornal, dizendo: “Quando seu gato morrer, eu o levarei embora por 25 dólares.” Metade do preço. Logo ela começou a receber ligações.

Sua solução era simples: ela ia para uma loja velha de coisas usadas e comprava uma mala por apenas 2 ou 3 dólares. Quando recebia uma chamada, ela ia para o apartamento ou casa do cliente e depositava o gato morto dentro da mala. Em seguida, ela pegava o metrô no início da noite, um horário perfeito para bandidos. Ela se sentava próximo à porta do metrô, colocava sua mala no chão e agia como se não estivesse prestando atenção na mala. Não demorava muito e um bandido entrava, pegava a mala e saía correndo. A senhora reagia dizendo em voz um tanto baixa: “Pega ladrão....” Que surpresa para o bandido!⁴

A verdade é que o mundo corre atrás de malas que supostamente carregam a chave para a felicidade. Porém, quando abertas, o conteúdo não equivale ao esperado.

Cerca de 2 mil anos atrás, Jesus Cristo proclamou a notícia de *como* e *onde* as pessoas podem encontrar, de fato, felicidade verdadeira e duradoura. E, a fim de que ninguém perdesse a novidade, Jesus forneceu várias descrições pungentes a respeito de *quais* pessoas encontram a felicidade.

Encontrando a Felicidade

Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los...
(Mateus 5.1–2).

A postura tradicional de um rabino enquanto ensinava era sentado. Quando ele se sentava e ensinava, seu ensino era formal e oficial.

Até os dias de hoje, falamos que um professor ocupa determinada “cadeira.” No mundo acadêmico, uma “cadeira” é dedicada ao ensino de algum aspecto do aprendizado.

Os esboços das maiorias das Bíblias têm como título “As Bem-Aventuranças,” que se referem a felicidade suprema. Jesus Cristo proclamará a notícia surpreendente que felicidade verdadeira não depende das circunstâncias *exteriores*, mas depende do espírito *interior*.

Nas bem-aventuranças, descobrimos as chaves para vencer as atitudes do “eu,” as quais representam obstáculos no caminho para a verdadeira felicidade.

Bem-Aventurados os Humildes de Espírito

A razão por que as declarações de Cristo deixaram a multidão perplexa e radicalizaram seu mundo aparece em Mateus 5.3, onde Jesus disse:

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Por várias gerações, essas pessoas tinham ouvido da boca de seus rabinos: “Bem-aventurados os *perfeitos* de espírito, porque deles é o reino dos céus.” Cristo, porém, afirma: “Bem-aventurados aqueles que reconhecem que não são perfeitos de espírito.”

Agora, o que a expressão *humildes de espírito* significa? O termo grego traduzido aqui como *humildes* é *ptochos*, que significa “pobre,” descrevendo especialmente alguém que encara total falência. Nos dias de Cristo, o termo era usado para se referir a alguém “pobre como um mendigo.”⁵ Tratava-se de uma pobreza tão profunda que o afligido precisava de ajuda para sobreviver; o indivíduo dependia totalmente de outro para tudo.⁶

Portanto, *humilde de espírito* não descreve alguém com uma atitude de humildade contrária ao orgulho. Trata-se de uma pobreza de espírito, significando consciência de que em nós não habita bem nenhum (Romanos 7.18) e que dependemos total e completamente de Cristo para tudo. Como resultado, apenas os pobres de espírito herdam o reino dos céus, já que somente eles confiam seu futuro eterno nas mãos de Cristo somente.

Falência Espiritual

Thomas Watson, o grande pastor Puritano (1620–1686), escreveu sobre esse texto:

Isso se refere a aqueles que compreendem seus

pecados e, não enxergando bem nenhum dentro de si mesmos, se veem em desespero e apelam unicamente para a misericórdia de Deus em Cristo.

*Até que sejamos pobres de espírito, não podemos receber graça, pois estamos inchados com excelência e suficiência pessoais. Se uma mão está cheia de pedras, ela não consegue segurar ouro. Até que sejamos pobres de espírito, Cristo jamais será precioso. Enxergamos apenas nossos desejos e nunca o valor de Cristo.*⁷

O mundo diz: “Bem-aventurado o homem que sempre está certo. Feliz aquele que tem tudo feito na vida!” Cristo afirma: “Mas eu digo que felizes são aqueles cujas mãos estão vazias, que reconhecem sua falência espiritual. Esses são os que estão no caminho para a felicidade genuína.”

E perceba que essa atitude de pobreza não se refere ao corpo, mas ao espírito, isto é, ao homem interior. Esse homem interior implora pela força de Cristo; ele é contrito e humilde de espírito e treme diante da Palavra de Deus (Isaías 66.2). O Senhor salva os de espírito quebrantado (Salmo 34.18); espírito contrito é sacrifício a Deus; o Senhor não despreza o coração quebrantado (Salmo 51.17).⁸

Em essência, esta é a grande diferença entre um hipócrita e um filho de Deus: o hipócrita se orgulha do que é *exteriormente*; o verdadeiro filho de Deus lamenta aquilo que lhe falta *interiormente*. O hipócrita é feliz porque é bom. Esse é o fariseu de Lucas 18.9–14, o qual foi ao templo orar e lembrar Deus de como era *bom*—ele tinha jejuado, dado o dízimo e agido corretamente. Por outro lado, o publicano, também ali no templo, simplesmente lembrou Deus de como era *mal* e clamou como um mendigo: “Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lucas 18.13b). Esse homem pobre de espírito

herdou o reino dos céus.

Com bastante frequência, pessoas me perguntam: “Pastor, existe algo errado comigo. Quero ser como Cristo, mas sou tão diferente dele; quero ser santo, mas geralmente fracasso na busca pela santidade. Será que posso me sentir dessa forma e ainda ser um crente verdadeiro?”

Geralmente respondo primeiramente lembrando-lhe de que o inimigo de nossas almas jamais chama nossa atenção para o fato de que nos falta mais de Cristo; ele deseja nos convencer de que já temos o suficiente de Cristo. Essa agonia de espírito, então, acontece de ser uma evidência maravilhosa da obra de Deus em seu coração.

Lembro do dia quando li essa perspectiva pela primeira vez e ah! Como foi encorajadora! Novamente, ela veio da pena de Thomas Watson, o mesmo pregador Puritano que citei há pouco. Ele também escreveu sobre essa passagem: “Crente, você se entristece porque é tão perverso? Você vai de um momento a outro em busca do suprimento de Deus? Você reclama a Deus, dizendo que falta graça? Você reclama, dizendo que precisa de um coração quebrantado ou de um coração grato? Essas coisas são bons sinais... você é pobre de espírito e o reino dos céus pertence a você.”⁹

Imagine a promessa de Cristo sobre o reino dos céus: ***Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.*** Essa declaração é uma notícia maravilhosa. E ela não é um desejo futuro, mas uma realidade presente—é deles!

E a propósito, o pronome pessoal ***deles*** está numa posição de ênfase. A quem pertence o reino dos céus? Somente aos pobres ou humildes de espírito. E o tempo do verbo nos informa que essa posse é presente, agora!

Isso significa que não estamos falando apenas do Reino Milenar (o reino de Cristo durante mil anos na terra), mas do reino dos céus. E este reino do céu pertence ao crente agora. Um autor escreveu: “Haverá um Milênio no qual as promessas do reino serão realizadas e cumpridas em sua plenitude, mas o reino possui um aspecto presente. O reino de Cristo em sua vida é agora. Seu reino tem o aspecto messiânico futuro, mas tem também o aspecto do ‘agora.’ Nós somos, *neste momento*, um reino de sacerdotes; nós somos, *neste momento*, súditos de Jesus Cristo.”¹⁰ Gosto da maneira como outro autor colocou o assunto: “O reino é graça e glória: graça agora e glória depois.”¹¹

A verdade é que, mesmo depois de salvo, você jamais estará acima da necessidade desse espírito.¹² Se esse é o caso, então por que tentamos desesperadamente nos colocar além desse senso de total falência espiritual? Vá a uma livraria evangélica de sua cidade e veja o que nos é oferecido. Livros e mais livros nos dizem como ser vencedores, conquistar nossas fraquezas, reinar sem sofrimento, viver sem necessidades. Jamais veremos livros com títulos como “Como Se Esvaziar do Eu,” “Como Ser Um Ninguém,” “Eu Mesmo Sou O Meu Problema” e “Como Viver para Outra Coisa que Não Eu Mesmo.” Wiersbe escreveu sobre isso: “As bem-aventuranças são atitudes que devem marcar a vida do crente. Entretanto, raramente lemos sobre elas ou somos encorajados a agir segundo essas atitudes.”¹³

Caminhos Surpreendentes para a Felicidade

Três passagens onde o termo *makarios*, ou “bem-aventurado, feliz,” ocorre apontam em direção aos caminhos surpreendentes que conduzem à felicidade.

1. Primeiro: felicidade é encontrada por meio do compromisso quando a vontade de Deus parece confusa.

O anjo apareceu a Maria, uma jovem confusa. Ela não era nenhuma “super-crente,” mas simplesmente alguém que se submetia à vontade de Deus, por mais difícil de entender que fosse ela. A despeito disso, lemos a declaração de fé de Maria em Lucas 1.48b: *desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada*. A expressão *bem-aventurada* é a mesma utilizada por Jesus nas bem-aventuranças. E Maria foi, de fato, feliz—dependendo totalmente de Deus.

Somos tentados a pensar: “É claro que Maria foi feliz; deveria, já que deu à luz o Messias.” Contudo, olhe bem sua vida. Ela teve que viver fugindo depois de receber uma advertência divina após outra. Posteriormente na vida, ela, juntamente com José e os outros filhos, ficou confusa quanto à identidade e propósito de Jesus. De fato, numa dada ocasião, ela e os meios-irmãos de Jesus tentaram leva-lo embora da multidão porque pensaram que ele estava louco (Marcos 3.21). Mas após a ressurreição, ela e os filhos entenderam e creram que suas alegações eram verdadeiras, conforme lemos em Atos 1.14.

Portanto, se pensa que felicidade só é fato nas vidas dos que compreendem claramente o que a vontade de Deus realiza em suas vidas, você está enganado. Pense no seguinte: Maria viveu grande parte de sua vida sob a acusação de haver fornicado (João 8.41). Ela continuou comprometida à vontade de Deus mesmo quando ela não parecia fazer sentido e, por meio da dependência em Deus, encontrou verdadeira felicidade.

Meu amigo, a rota para a felicidade é compromisso a Cristo, mesmo quando não entendemos sua vontade.

2. Segundo: felicidade é encontrada por meio da persistência quando a vontade de Deus é dolorosa.

Tiago escreveu: *Eis que temos por felizes [makarios] os que perseveraram firmes* (Tiago 5.11). O contexto desse verso em Tiago lida com alegria mesmo em meio ao sofrimento, fazendo referência a Jó.

Quando pregou nessa passagem, João Calvino lembrou sua congregação de que o mundo diria que a pessoa feliz é aquela livre de dores. Cristo, por outro lado, afirma que a pessoa feliz é aquela que persevera em seguir a Deus a despeito das dores.¹⁴

Em grande medida, o motivo para isso é que a pessoa que persevera através da dor desenvolve total dependência em Cristo e nele encontra verdadeira satisfação. As circunstâncias, na realidade, podem não mudar, mas o crente muda.

Portanto, a segunda rota para a felicidade é a persistência em seguir a Cristo, mesmo quando sua vontade é dolorosa.

3. E terceiro: felicidade é encontrada através da obediência quando a vontade de Deus é óbvia.

Lemos em Apocalipse 1.3:

Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.

Você pode dizer: “Certo, então, se eu obedecer, serei abençoado. Entendi.” Mas será que você entendeu o conceito por completo? E o que dizer de ordens não tão óbvias de Deus? Em Hebreus 11, encontramos vários exemplos de pessoas que obedeceram às ordens de Deus sem ver ou saber o

resultado final:

Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa... Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança... Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque... Pela fé, [Moisés] abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei... Pela fé, [os israelitas] atravessaram o mar Vermelho como por terra seca... Pela fé, Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes... E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas, os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões... outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados... Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados (Hebreus 11.7–40).

- Compromisso: quando a vontade de Deus é confusa.
- Persistência: quando a vontade de Deus é dolorosa.
- Obediência: quando a vontade de Deus é

óbvia.

Esses são os três caminhos surpreendentes que conduzem à verdadeira felicidade.

A Herança dos Pobres

Joni Eareckson Tada, aquela tetraplégica que tem impactado as vidas de muitas pessoas com seu testemunho do Evangelho, escreveu num artigo de revista sobre o fato de ter sido a palestrante numa conferência cristã para mulheres. Uma mulher lhe perguntou: “Joni, você sempre parece estar bem, bastante feliz em sua cadeira de rodas. Queria ter essa mesma alegria!” Joni respondeu:

Não queira isso para si. Na verdade, deixe-me descrever para você como levantei da minha cama esta manhã. A minha rotina é esta: depois que meu marido sai para o trabalho em torno das 6, fico sozinha, até que alguém bate à minha porta às 7; é aí que uma amiga chega para me levantar da cama. Enquanto a escuto fazendo café, oro: ‘Senhor, minha amiga em breve me dará banho, me vestirá, penteará meus cabelos, escovará meus dentes e me retirará de casa. Não tenho a força para enfrentar essa mesma rotina mais uma vez. Não tenho recursos; não tenho sorrisos restantes para mais um dia. Mas Tu tens. Tu me dás o Teu sorriso?’” Em seguida, eu disse à mulher: “Só para você saber—a alegria que você vê agora foi conseguida com muita dificuldade pela manhã. E na realidade, o que mendiguei das mãos de Deus para hoje.¹⁵

É por isso que os pobres são os verdadeiros felizes. Eles se entregaram completamente aos recursos da graça de Deus. Bem-aventurados os pobres, espiritualmente falidos. E não se esqueça: eles herdaram o reino dos céus!

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 02/03/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ John MacArthur, *Kingdom Living Here and Now* (Moody Press, 1990), p. 26.

² Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Linguistic Key to the Greek New Testament* (Regency, 1976), p. 12.

³ *Ibid.*, p. 22.

⁴ Scott Wenig, nº 182: www.preachingtoday.com.

⁵ Rienecker e Rogers, p. 12.

⁶ R. Kent Hughes, *The Sermon on the Mount* (Crossway, 2001), p. 19.

⁷ Thomas Watson, *The Beatitudes* (Banner of Truth, 1985), p. 42.

⁸ MacArthur, p. 45.

⁹ Watson, p. 46.

¹⁰ MacArthur, p. 49.

¹¹ *Ibid.*, p. 50.

¹² Hughes, p. 21.

¹³ Warren W. Wiersbe, *Live like a King* (Moody, 1976), p. 22.

¹⁴ John Calvin, *Sermons on the Beatitudes*, traduzido por Robert White (Banner of Truth, 2006).

¹⁵ Joni Eareckson Tada, "Joy Hard Won," *Decision* (março de 2000), p. 12.